

Resistências das mulheres contra o neoextrativismo da soja no Pampa *Women's resistance against soy bean neoextractivism in Pampa*

FERREIRA, Eduarda Garcia¹; NESKE, Márcio Zamboni²; ACOSTA, Mauricio Bruno Ceroni³.

¹Mestranda em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, garciaferreiraduda@gmail.com; ² Professor Adjunto, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, marcio-neske@uergs.edu.br; ³Professor Adjunto, Universidad de la República Uruguay, ceroni.mauricio@gmail.com.

Eixo temático: Gêneros e feminismos na agroecologia

Resumo

Este estudo objetiva investigar como se conformam as repercussões do neoextrativismo da soja no Bioma Pampa brasileiro, enquanto território corpo-terra, e as lutas territoriais protagonizadas pelas mulheres. Diante da capilarização das fronteiras produtivas do regime neoextrativista da soja, é urgente e indispensável pesquisar, esclarecer, discutir e difundir informações concernentes às repercussões e lutas emergentes. O estudo é de cunho qualitativo, descritivo e exploratório, usufruindo de pesquisa bibliográfica, entrevistas semiestruturadas e documentários. Como resultados, levantou-se que as repercussões da expansão da soja são ambientais, sociais, culturais e econômicas, ocorrendo a inter-relação entre as problemáticas que incidem sobre o território-terra e território-corpo das mulheres. As resistências se expressam como uma resposta às questões que atravessam as mulheres cotidianamente. Resistências diretas contra a soja não são difundidas. A organização de frentes de resistência populares é urgente e indispensável para que a emancipação dos territórios pampeanos e das mulheres ocorra.

Palavras-chave: Rio Grande do Sul; Fronteira agrícola moderna; Territorialidade; Gênero.

Keywords: Great Southern River; Moderna gricultural frontier; Territoriality; Gender

Introdução

De acordo com dados divulgados, em 2021, na plataforma Rede MapBiomas, entre 2000 e 2019 o Pampa Sul-americano – abrangendo Brasil, Argentina e Uruguai – perdeu 16,3 % de vegetação nativa, com redução de 519.496 km² para 434.795 km². O dado calculado por pesquisadoras e pesquisadores dos três países também indica que o Brasil foi o país que teve a maior perda proporcional de vegetação nativa, com 21.356 km² (20% da área existente em 2000), sobretudo devido à expansão das áreas agrícolas para o plantio de soja. Já os resultados da Pesquisa Agrícola Municipal do IBGE (2019) indicam que no Rio Grande do Sul em dez anos a área plantada com soja passou de 3,8 milhões em 2008 para 5,8 milhões de hectares em 2019. Ou seja, os dados corroboram que a expansão do neoextrativismo da soja é, presentemente, no Pampa, o maior vetor responsável pela drástica devastação dos ecossistemas campestres e sua sociobiodiversidade.

Ao instalar uma força ilusória do desenvolvimentismo, o neoextrativismo é funcional à globalização comercial-financeira e perpetua a inserção internacional subalterna da América do Sul. Além disso, como parte das consequências da dinâmica neoliberal latino-americana, as mulheres dos setores populares, as indígenas, mestiças, negras e camponesas foram o setor da população que levou sobre o seu

corpo a maior carga de trabalho doméstico e produtivo, como também, tiveram suas demandas e identidades fragmentadas (BARRAGÁN et al., 2016). Tendo em vista os horizontes do feminismo comunitário, surgem reivindicações em torno da defesa do território corpo-terra, ou seja, a luta pelo fim das violências cometidas sobre os corpos encontra-se interligada ao enfrentamento das violências contra a natureza. Como bem afirma Lorena Cabnal (2018, p.27): “Defender o território-terra e não defender o território-corpo das mulheres é uma incoerência política [...]. Afinal, onde vão viver os corpos emancipados?”.

Diante do atual cenário neoextrativista no Pampa, a organização efetiva de frentes de resistência nos territórios do Pampa é urgente e indispensável, assim como, pesquisar, esclarecer, discutir e difundir informações sobre os múltiplos impactos negativos inerentes ao cultivo da soja, desta forma, aponta-se para a necessidade de transpor as barreiras acadêmicas e alcançar a sociedade como um todo.

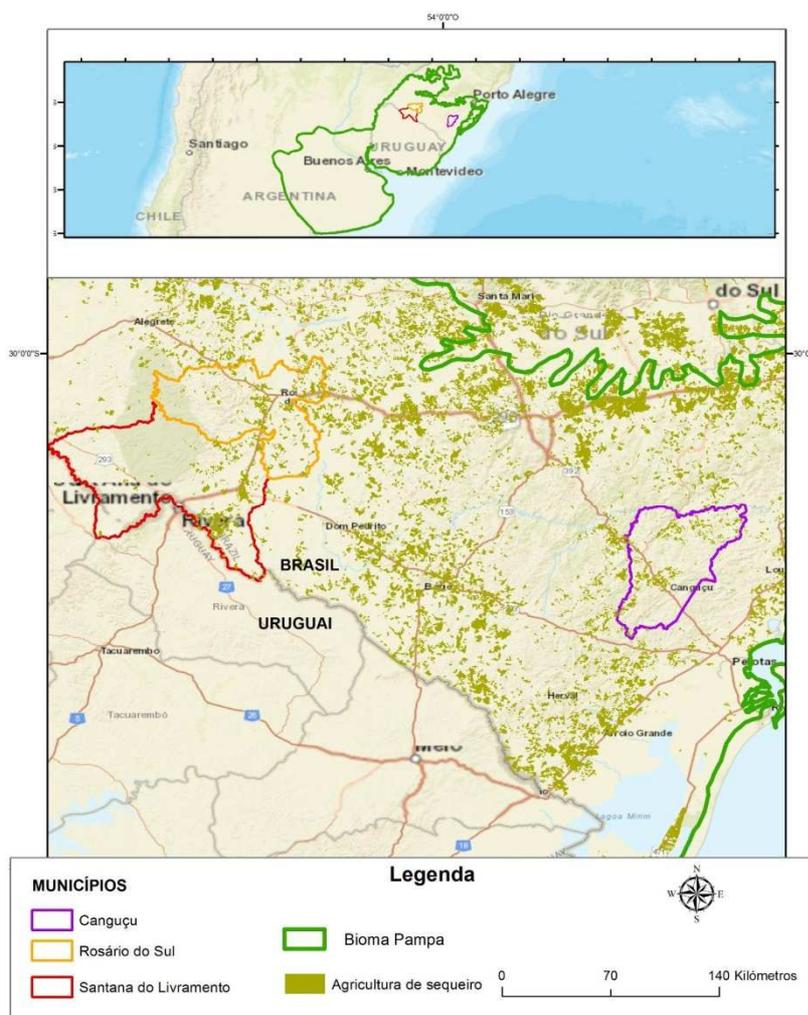
Dessa maneira, esse artigo analisa as repercussões ocasionadas pelo neoextrativismo da soja no Bioma Pampa mediante o horizonte do território corpo-terra, além de, como se configuramos processos de resistências engendrados pelas mulheres contra a soja. Ou seja, o objetivo principal é investigar como se conformam as repercussões do neoextrativismo da soja e as lutas territoriais protagonizadas pelas mulheres no Bioma Pampa brasileiro.

Metodologia

A pesquisa foi descritiva e exploratória, baseada em uma abordagem qualitativa. Concernente aos procedimentos, foi realizada pesquisa bibliográfica, bem como, a coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas e análise dos documentários: “Pampa, memórias e saberes do nosso lugar”, produzido pela Fundação Luterana de Diaconia em 2018 e “Grupo de Mulheres Vera Lúcia”, produzido pela TV Educação do Campo em 2020. Devido à pandemia de COVID-19 as entrevistas foram realizadas através de plataformas digitais, durante o segundo semestre de 2020. Foram entrevistadas sete mulheres – Leci, Sandra, Irene, Rosi, Carmem, Iasmin e Marli – que possuem experiência com a temática pesquisada e vivem em territórios do Pampa, especificamente, nos municípios de Santana de Livramento/RS, Rosário do Sul/RS e Canguçu/RS (Mapa 1). Visando organizar e fazer o tratamento dos dados, após a transcrição dos áudios das entrevistas e trechos dos documentários, foi utilizado o *software* NVivo Plus, para a análise de dados qualitativos. As codificações das entrevistas e documentários, realizadas no NVivo Plus, possibilitaram emergir as categorias do campo, a partir das vozes das mulheres. Ao mesmo tempo, também se fazem presente na análise as categorias teóricas (i) neoextrativismo e (ii) território corpo-terra, as quais se interrelacionam com as categorias do campo, formando, assim, um mosaico teórico-analítico da pesquisa. Desta forma, as principais categorias de campo são: (i) instalação de complexos agroindustriais; (ii) incentivos para o plantio da soja; (iii) mudança agrária por via do arrendamento da terra; (iv) protestações pelo acesso a direitos básicos; (v) divergências entre o posicionamento de mulheres e homens contra o plantio da

soja ou o arrendamento para o mesmo fim; (vi) o uso excessivo de agrotóxicos e a impossibilidade e/ou a dificuldade no cultivo de alimentos agroecológicos.

Mapa 1. Localização dos municípios das entrevistas no Bioma Pampa/RS.



Fonte: Os autores com base em Hofmann, Weber e Hasenack (2015).

Resultados e Discussão

Levantou-se que o agronegócio da soja infere diretamente sobre os territórios onde as mulheres vivem e é responsável por uma série de repercussões, sejam sociais, econômicas, culturais ou ambientais. A estruturação das forças do agronegócio nos territórios, na maioria dos casos, se dá por meio da instalação de complexos agroindustriais geralmente pertencentes a empresas de capital transnacional. Soma-se também o incentivo explícito e/ou implícito do Estado, seja através do financiamento do desenvolvimento de pesquisas científicas, tecnológicas e de inovação em organizações públicas e privadas. Ao mesmo tempo, o Estado tem sido um agente importante de estímulo e indução ao plantio de soja através das políticas de crédito rural, sendo possível constatar na região que grande parte dos produtores

rurais utilizam esses recursos para a realização de investimentos e para o custeio de suas atividades.

Outra situação recorrente, tem sido a de mudança agrária por via do arrendamento da terra. Esta prática leva a uma substituição de atividades em diversos contextos, onde a soja passa a representar a principal fonte de renda dos(as) arrendatários(as). Além disso, ressoa entre as mulheres protestações pelo acesso a direitos básicos. Nesse sentido, o exposto por Marli: “A nossa briga é pela sobrevivência”, ou seja, torna-se nítido que em cenários de neoextrativismo da soja duas situações antagônicas são expostas, por um lado, a luta pela sobrevivência em um ambiente rural marcado pelo monocultivo, no outro extremo, a defesa dos inúmeros privilégios sociais e políticos destinados a uma minoria que levantou as bases de seus monopólios a partir da superexploração da natureza não humana e de grupos sociais historicamente marginalizados.

Diante do questionamento de possíveis divergências entre o posicionamento de mulheres e homens contra o plantio da soja ou o arrendamento da terra para o mesmo fim, foi exposta a existência de conflitos. Segundo algumas entrevistadas, os homens estão mais propensos a aderir ao plantio da soja pois teriam maiores preocupações em obter lucro sobre a terra. Em contraponto, distanciando-se de possíveis essencialismos de gênero, segundo Carmen: “Há diferença entre homens e mulheres dependendo da formação (política) que cada um teve. Não pelo gênero”. Independente das divergências, as perspectivas das entrevistadas revelam que esses conflitos são permeados pela desigualdade de gênero no interior das famílias. Nessa conjuntura, a despossessão da terra pode ser compreendida como fator limitante para que as mulheres possam enfrentar efetivamente a soja.

Quanto aos impactos sobre o território-terra, todas as entrevistadas apontaram para o excessivo uso de agrotóxicos como o maior problema. As implicações nefastas do uso de agrotóxicos na sojicultura recaem sobre o território corpo-terra, visto que, não há dissociação entre a qualidade ambiental – território terra – e a saúde e bem-estar das mulheres – território corpo. A impossibilidade e/ou a dificuldade para cultivar alimentos agroecológicos é outra importante repercussão ocasionada. Portanto, para além de levar ao envenenamento dos territórios corpo-terra, o neoextrativismo da soja rompe a autonomia dos povos ao impossibilitar o cultivo de alimentos sem agrotóxicos.

Ao abordarmos o tema das resistências no panorama do território corpo-terra, compreendeu-se que os processos de engajamento e luta se expressam nos modos de vida dessas mulheres, ou seja, como uma resposta às questões que as atravessam cotidianamente. Para as entrevistadas, lutas e resistências são inerentes aos seus cotidianos. A proposição de Porto-Gonçalves (2006, p.16) leva uma reflexão extremamente relevante, onde, de acordo com o autor “mais do que resistência, que significa reagir a uma ação anterior [...] temos r-existência, uma forma de existir, uma determinada matriz de racionalidade que age nas circunstâncias, inclusive reage, a partir de [...] um lugar próprio. Se tratando especificamente de lutas incisivas contra a soja, constatou-se que esses processos

não são difundidos no Pampa, contudo, salvaguardam-se casos em que localmente o enfrentamento à soja foi direto.

Conclusões

Constatou-se que processos efetivos de resistência contra a soja, formas de organização social e política coletivas são incipientes e difusas, salvaguardam-se poucas circunstâncias em que localmente o enfrentamento se dá efetivamente. Ao termos usufruído da categoria analítica território corpo-terra, voltamos a atenção para as repercussões do neoextrativismo da soja sobre o território-corpo das mulheres e sobre o território-terra do Pampa, compreendendo que os desencadeamentos estão interligados e que se torna essencial lutarmos contra o fim das violências contra as mulheres e contra a terra, bem como, defendermos a emancipação das mulheres e dos territórios, focalizando suas potencialidades enquanto agentes de transformação e articuladoras de resistências. Por fim, reforçamos que a construção de alternativas concretas perpassa necessariamente pela ação comunitária e pelo entendimento de que os problemas são sistêmicos, mas que através da solidariedade, coletividade, politização, engajamento e comprometimento com as lutas levantadas, é possível caminhar rumo a outro horizonte.

Referências bibliográficas

BARRAGÁN, Margarita Aguinaga.; LANG, Mirian.; CHAVÉZ, Dunia Mokrani.; SANTILLANA, Alejandra. Pensar a partir do feminismo: críticas e alternativas ao desenvolvimento. In: DILGER, Gerhard.; LANG, Miriam.; FILHO, Jorge PEREIRA. (org). **Descolonizar o imaginário: debates sobre pós-neoextrativismo e alternativas ao desenvolvimento**. 1.ed. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016. p.88-120.

CABNAL, Lorena. Defender o território-terra e não defender o território-corpo das mulheres é uma incoerência política. In: MOURA, Iara; PRAÇA, Marina. (org.). **Outras economias: alternativas ao capitalismo e ao atual modelo de desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Instituto PACS, 2018. p. 23-28.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produção agrícola municipal**. 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/9117-producao-agricola-municipal-culturas-temporarias-e-permanentes.html?edicao=29008&t=destaques>. Acesso em: 03 jan.2021.

MAPBIOMAS. **Pampa Sul-americano perdeu 16,3% de vegetação nativa em 20 anos, mostra mapeamento inédito, abrangendo Brasil, Argentina e Uruguai**. 2021. Disponível em: <https://mapbiomas.org/pampa-sul-americano-perdeu-163-de-vegetacao-nativa-em-20-anos-mostra-mapeamento-inedito-abrangendo-brasil-argentina-e-uruguai>. Acesso em: 10 mai.2021.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A Reinvenção dos Territórios: a experiência latino-americana e caribenha. In: CECEÑA Ana Esther. (org.). **Los desafíos de las emancipaciones e nun contexto militarizado**. Buenos Aires: CLACSO, 2006. p.151-197.